

DIA INTERNACIONAL DO ENFERMEIRO

# “A normalidade está a chegar, mas muito devagarinho e com muitas sequelas”

Os enfermeiros celebram hoje o seu dia. A normalidade chega, mas não para toda a gente, especialmente para esta classe profissional. Para além dos efeitos da covid-19, outras questões estão por resolver.



FOTO JOANA SOUSA

Por **Edna Baptista**  
edna.baptista@jm-madeira.pt

Se nos últimos dois anos, o Dia Internacional do Enfermeiro, que se assinala esta quinta-feira, foi inevitavelmente marcado pelas inúmeras histórias de enfermeiros psicológica e fisicamente exaustados, com saudades de casa e a pele marcada pelo tempo prolongado do uso de equipamentos de proteção contra a covid-19, hoje certo é que esta efeméride é comemorada num cenário pandémico substancialmente diferente, mas ainda atormentado pelo impacto desta “guerra biológica”.

Isto porque a vida pós-covid-19 continua a não ser uma realidade para estes profissionais, apesar da retoma que já se verifica com o progressivo alívio das medidas restritivas.

“A normalidade está a chegar, mas muito devagarinho e com muitas sequelas”, reconheceu ao JM Juan Carvalho, presidente do Sindicato dos Enfermeiros da Madeira, que embora denote estarem a ser dados passos nesse sentido, esta classe continua a sofrer com a sobrecarga de trabalho.

“Ainda estamos a dar resposta a situações de covid e temos muitos serviços que não voltaram à norma-

lidade, porque têm doentes covid aos quais é necessário dar resposta”, denotou o sindicalista.

Idem aspas disse ao JM Nuno Neves, presidente do Conselho Diretivo Regional da Ordem dos Enfermeiros (OE), que aponta que “naquilo que é o trabalho diário dos enfermeiros ainda não vemos um tão grande alívio”. “Há muitas consultas, exames e outras questões que ficaram acumuladas, para além das próprias necessidades normais de saúde da sociedade, que antes da pandemia já eram grandes. E a pandemia ainda consome muitos recursos humanos, mas também materiais. Ainda são necessários enfermeiros nas áreas dedicadas ao covid, a fazer testagem, as triagens avançadas...”, explanou o responsável, que ressalta que estes profissionais continuam a fazer muitas horas extraordinárias e a serem poucos para o volume de trabalho.

Não obstante, Juan Carvalho e Nuno Neves asseguraram que, depois de dois anos particularmente “difíceis” e “desafiantes”, nesta data simbólica o sentimento geral é o de missão cumprida, embora estejam conscientes de que esta ainda não terminou.

## Desequilíbrio crónico

Já fazendo um balanço dos desafios colocados a esta classe na Região,



“**A carência de enfermeiros é crónica e não é de agora. O Serviço Regional de Saúde nunca teve o número de enfermeiros necessário para as suas atividades**”

Juan Carvalho

ambas as entidades reiteraram que são vários os problemas em cima da mesa. À cabeça surge a carência de enfermeiros no Serviço Regional de Saúde, que, conforme sublinha Juan Carvalho, é um “desequilíbrio crónico”, especialmente evidente em especialidades como as da saúde materna e obstétrica, mental e psiquiátrica e nos cuidados de saúde primários, entre outras, as quais se veem obrigadas a recorrer a trabalho extraordinário para dar resposta às necessidades.

“Muitos enfermeiros quando estão a passar tempo com a família são chamados a fazer um turno extraordinário e têm de alterar todo o seu cronograma para o mês”, notou o sindicalista, salientando ainda que a profissão conta sobretudo com enfermeiras em idade de constituição de família, que não usufruem na totalidade os seus direitos de parentalidade, devido à sua situação laboral.

Ademais, “não é admissível continuarmos a ter enfermeiros especialistas que são necessários na sua prática diária a exercer funções de gestão”, aditou, advogando a abertura de um procedimento concursal específico para esta área.

## 300 profissionais em falta

Fazendo as contas, são cerca de 250 a 300 os enfermeiros em falta no

Serviço Regional de Saúde. Por isso mesmo, ponto assente entre estes responsáveis é a urgência de estabelecer uma estratégia de contratação a médio-longo prazo, de forma a não comprometer os cuidados de saúde no futuro.

“Sabemos que os enfermeiros não podem ser todos admitidos de um momento para o outro. Leva o seu tempo, até porque não há, neste momento, enfermeiros na Região para satisfazer as necessidades. Mas no imediato não tenho dúvidas de que uma das formas de descomprimir a tensão, o excesso de trabalho, o stress e a pressão que os enfermeiros sentem nos serviços, seria a de admitir novos profissionais”, reiterou Juan Carvalho.

Por sua vez, Nuno Neves atestou que este não é um problema exclusivo da Região, que, no entanto, na última legislatura assistiu a esforço por parte das entidades na contratação de cerca de quatro centenas de enfermeiros. “Não fosse realmente esse esforço, a nossa capacidade seria muito limitada e inferior àquela que foi na pandemia”, asseverou o enfermeiro, que recorda que outro problema de base a resolver é o da carreira a nível nacional.

“É uma carreira nacional que não corresponde àquelas que são as ambições e anseios da profissão”, venceu.

DIFICULDADES

## Rigidez da contratação prejudica emigrados

Sendo a emigração uma realidade que não é alheia aos formados em enfermagem na Região, verdade é que alguns enfermeiros, particularmente os que emigraram durante a última crise económica, têm optado por regressar a 'casa', conforme reconheceu Nuno Neves.

No entanto, neste regresso alguns têm-se deparado com dificuldades no reconhecimento da sua experiência e respetiva equiparação salarial no Serviço Regional de Saúde.

"Pese embora esses colegas serem uma grande mais valia pelas suas competências, formação e experiência que adquiriram em outras realidades mais evoluídas que a nossa, aquilo que é a rigidez da contratação pública não lhes permite que seja reconhecida exatamente essa experiência acumulada e são contratados como qualquer outro recém-licenciado e podem estar subaproveitados para aquela que poderia ser a sua capacidade de intervenção", lamentou o presidente da OE na Região, que realça que é sobretudo o setor privado que tem absorvido estes enfermeiros, que poderiam ser importantes para o serviço público.

Contudo, a este propósito, Nuno Neves acredita ser possível uma revisão e adaptação dos regulamentos de contratação a estas situações.

Por seu turno Juan Carvalho apontou que estes retornos à Madeira se devem mais a razões pessoais e familiares, do que propria-

#  
**2.477**

ENFERMEIROS com inscrição ativa na OE na Região

**2.000**

ENFERMEIROS trabalham no Serviço Regional de Saúde (os restantes encontram-se a prestar serviço nos setores privado e social).

mente profissionais, uma vez que as condições laborais no estrangeiro continuam a ser mais vantajosas.

"Eu, com 35 anos de profissão, contacto com enfermeiros que emigraram, com oito, dez, doze anos de profissão, que ganham muito mais. Esta é uma situação que tem de ser rapidamente resolvida se queremos fixar enfermeiros nos serviços de saúde regional e nacional", afirmou.

De facto, conforme enaltece o sindicalista, na Região "continuamos a ter enfermeiros que quando acabam o curso nem pensam duas vezes. Perante uma oportunidade de emprego melhor, com melhores perspetivas de rendimento, abraçam-na e deixam a Madeira".



FOTO JOANA SOUSA

OPORTUNIDADE

## SESARAM abre concurso no segundo semestre

Por **Marco Milho**  
mmilho@jm-madeira.pt

O enfermeiro diretor do SESARAM reconhece que fazem falta mais profissionais de enfermagem no serviço regional de saúde. Frisando o "bom ambiente" e as condições dadas pela tutela para, por exemplo, desbloquear as carreiras dos enfermeiros, José Manuel Omelas não esconde, porém que os dois anos de pandemia aumentaram sobremaneira a exigência sobre estes profissionais.

"Estão cansados, estão exaustos, mas continuam a fazer o seu melhor", diz, ao JM, justificando a necessidade de entrada de novos enfermeiros, algo que acontecerá na segunda metade de 2022. "Isso está já estipulado entre a Secretaria Regional da Saúde

e o Conselho de Administração do SESARAM]."

De acordo com o responsável, a espera pelo segundo semestre deve-se ao facto de não existir, por agora, "uma quantidade de enfermeiros no mercado assim tão elevada". "Por isso, só vamos abrir o concurso no segundo semestre, para dar a oportunidade aos novos enfermeiros de terminarem o curso", adianta.

Atualmente, o SESARAM emprega 1.983 enfermeiros, indica José Manuel Omelas, acrescentando que, entre 2021 e 2022 já entraram 37 novos profissionais da área no serviço regional de saúde. No sentido inverso, desde janeiro de 2021, registaram-se 18 saídas de enfermeiros, por aposentação ou renúncia de contrato.

"Em todas as áreas, quer ao nível dos cuidados primários, cuidados

continuados, paliativos, ou ao nível dos serviços de internamento, foi feito um grande esforço por parte dos enfermeiros", sublinha, lembrando que "foi muitas vezes necessário cancelar férias" e "recorrer a muito trabalho suplementar".

Ainda assim, realça, a Madeira apresenta um rácio de 9.4 enfermeiros para cada mil habitantes, superior ao dos Açores (9.3) e de Portugal continental (7.6).

Outras situações que suportam a necessidade de reforço de pessoal incluem os internamentos por motivos sociais, como as altas problemáticas. "Atualmente, temos 65 doentes que já tiveram alta clínica, mas que por não terem condições para estar no domicílio, continuam internados no hospital", adianta, lembrando que estas pessoas precisam também de cuidados, o que resulta numa sobrecarga para enfermeiros, médicos e assistentes operacionais.

Para além disso, José Manuel Ornelas aponta ainda ao número de profissionais com licenças por doença, isolamento, gravidez, e outras situações ligadas à maternidade e paternidade. "Se formos a somar com outras situações, como férias, faltas, e outras licenças, estamos permanentemente com mais de 15% dos enfermeiros ausentes do serviço", regista.

## Licenciatura na UMa com 154 estudantes

Uma das duas instituições de ensino da Região a formar profissionais nesta área – sendo a outra a Escola Superior de Enfermagem de São José Cluny –, a Universidade da Madeira tem atualmente 154 estudantes inscritos na licenciatura em enfermagem, 29 dos quais frequentam o quarto e último ano do curso.

Já a pós-licenciatura de especialização em Saúde Mental e Psiquiátrica contabiliza 23 estudantes.

De acordo com a UMa, a taxa de abandono no curso de enfermagem é inferior a 2%, ao passo que a percentagem de empregabilidade "é da ordem de 100%".



FOTO JOANA SOUSA

Nuno Neves acredita na revisão e adaptação dos regulamentos.